



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE  
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSÉ HENRIQUE DA SILVA DE LIMA

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE  
PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO  
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOÃO PESSOA - PB

2018

JOSÉ HENRIQUE DA SILVA DE LIMA

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE  
PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO  
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao  
Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de  
Licenciados (a) em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Dr. José Vaz  
Magalhães Néto

JOÃO PESSOA - PB  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

L732e Lima, Jose Henrique da Silva de.

ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE  
PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO  
MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL / Jose Henrique da Silva  
de Lima. - João Pessoa, 2018.  
52 f. : il.

Orientação: JOSE NETO.

Monografia (Graduação) - UFPB/EDUCAÇÃO.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL. 2. GÊNERO MASCULINO. 3.  
PEDAGOGIA. I. NETO, JOSE. II. Título.

UFPB/BC

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**JOSÉ HENRIQUE DA SILVA DE LIMA**

### **ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

João Pessoa, 05 de novembro de 2018.

Monografia apresentada, como requisito parcial à obtenção de grau de  
Licenciado/a em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB,  
pela seguinte banca examinadora:



---

Prof. Dr. **José Vaz Magalhães Neto**  
Orientador – UFPB



---

Profa. Dra. **Ana Paula Romão de Souza Ferreira**  
Membro da banca avaliadora – UFPB



---

Profa. Dra. **Maria da Conceição Gomes de Miranda**  
Membro da banca avaliadora – UFPB

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me coberto de saúde e força para superar todas as dificuldades.

Ao meu pai José Tavares de Lima filho e a minha mãe Valmira Alexandre Silva de Lima, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À minha avó Maria da Soledade Alexandre que para mim tenho como uma mãe.

Aos meus parentes Larissa Ferreira, Vanilza Alexandre, Vânia Andrade, José Valmir, Emanuel Alexandre, Alana Kelly, Alan Alexandre, Eduardo Alexandre, Valdir Alexandre, José Vilmar, Paulo Victor, Paula Vanessa, Odete Maria, Érica Alexandre e Edson Alexandre.

Ao meu orientador José Vaz Magalhães Néto, pelo total suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao meu saudoso amigo Klebson Felismino por todo o apoio durante a grande construção dessa pesquisa, obrigado amigo!

Às minhas grandes e honrosas amigas e companheiras de turma Joelma Kelly Oliveira de Melo e Mayara Fortunato pelas alegrias compartilhadas dentro e fora das salas de aula.

A grandes pessoas existentes em minha vida como Maria Lúcia, Allef Íris, Camila Matias, José Roberto, Diego Francisco Santos da Silva, Júnior Ribeiro, Natanael Felix Silva Carvalho e Renan Werlly de Carvalho Nascimento.

À esta universidade, todo corpo docente, coordenação, amigos e colegas de sala de aula, que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

**“Toda criação se manifesta através da união do masculino com o feminino. O masculino por si só não cria nada. Como também, o feminino sozinho é estéril.”**

**Damião Maximino**

## RESUMO

O estudo versa sobre a inserção dos formandos do sexo masculino na Educação Infantil. Observando em todos os estágios supervisionados que estive presente, e não encontrar nenhum professor homem exercendo função como docente, tive a curiosidade de saber se os alunos do gênero masculino do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba enfrentam algum tipo de preconceito relacionado à escolha desse curso de licenciatura, também procurando saber se os mesmos se dispõem a enfrentar qualquer tipo de preconceito existente na academia ou fora dela, para futuramente exercerem a função de docentes na Educação Infantil. Para apresentar a pesquisa dividi a monografia em cinco capítulos. O primeiro trata-se da busca de um resumo sobre a Educação Infantil no Brasil, visando o contexto histórico de como surgiram as primeiras creches até o cuidar das crianças, mostrando que o pedagogo está também habilitado a praticar essa função. No capítulo seguinte se faz presente o conceito de gênero, buscando informar ao leitor o que é, e para o que se refere esse termo. No terceiro capítulo, aborda a questão das dificuldades encontradas pelos discentes pela orientação sexual dos mesmos, buscando questionar o preconceito envolvido também por essa questão e trazendo um contraponto que evite esse conflito. No quarto capítulo a proposta é abordar a masculinidade hegemônica evidenciando que o gênero masculino ainda é predominante nos principais cargos profissionais da sociedade. No quinto e último capítulo foi trabalhado as reflexões sobre as relações do professor do sexo masculino que atua na educação infantil e a comunidade escolar, foi apresentado algumas porcentagens sobre o número de docentes masculinos na Educação Infantil, as dificuldades que os mesmos encontram na comunidade escolar quando começam a atuar, tais como o preconceito e a capacidade do pedagogo homem em exercer essa função. O estudo é de caráter qualitativo. A pesquisa é de campo, como coleta de dados foi usada um questionário que foi respondido por estudantes do sexo masculino do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba sobre as principais dificuldades enfrentadas pela questão de gênero, com o objetivo a de conhecer a visão destes alunos sobre o papel do professor do sexo masculino, relacionado a Educação Infantil. A pesquisa evidenciou que muitos alunos relataram o preconceito como sendo um dos fatores mais agravantes na pouca presença de pedagogos nas escolas, sendo seguidos de outros problemas que afetam a presença dos pedagogos sem sua profissão. É preciso que as instituições, pais compreendam a importância que o pedagogo tem na vida escolar dos alunos e que sua atuação na escola é tão importante quanto as das pedagogas, que estes profissionais precisam ser vistos como indivíduos dotados e conhecimentos e que o fato de serem homens não desqualificam seu papel nem tampouco sua competência. É imprescindível a quebra desse preconceito que o gênero masculino não pode ensinar na Educação Infantil, pois além de um pensamento retrogrado é preciso a desmistificação dessa ideia de forma consciente.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Masculinidades, Gênero masculino e Pedagogia.

## **ABSTRACT**

The study deals with the insertion of male students in Early Childhood Education. Observing at all the supervised stages that I was present, and not finding any male teacher as a teacher, I had the curiosity to know if the male students of the pedagogy course of the Federal University of Paraíba face some kind of prejudice related to the choice of this also seeking to know if they are willing to face any kind of prejudice existing in the academy or outside it, in order to exercise the role of teachers in Early Childhood Education. To present the research I divided the monograph into five chapters. In the first one I tried to bring a summary about Early Childhood Education in Brazil, aiming at the historical context of how the first kindergartens came to the care of the children, showing that the pedagogue is also enabled to practice this function. In the following chapter the concept of gender is presented, seeking to inform the reader what is and what this term refers to. In the third chapter, I dealt with the difficulties encountered by students because of their sexual orientation, seeking to question the prejudice involved in this issue and bringing a counterpoint to avoid this conflict. In the following chapter I approached the hegemonic masculinity, evidencing that the masculine gender still prevails in the main professional positions of the society. In the fifth and last chapter I presented the reflections on the relations of the male teacher who works in early childhood education and the school community, I have exposed a few percentages on the number of male teachers in Early Childhood Education, the difficulties they encounter in the school community when they begin to act, such as prejudice and the ability of the educator man to perform this function.

**Keywords:** Infant Education, Masculinities, Gender and Pedagogy.



## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO .....	10
2.SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL .....	12
3.FALANDO SOBRE GÊNERO.....	16
4.OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS DOCENTES POR SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	22
5.O MASCULINO AINDA DOMINANTE NA SOCIEDADE .....	24
6.REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A COMUNIDADE ESCOLAR.....	25
7.CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	27
8.ANÁLISES .....	28
9.CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO .....	48
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a fase que envolve crianças de 0 a 6 anos de idade, considerada a primeira etapa da Educação Básica. Seu objetivo é o desenvolvimento integral das crianças, ou seja, não apenas o cognitivo, mas também o físico e o sócio emocional. Muitas vezes percebemos que a educação infantil quando é abordada em qualquer circunstância, de qualquer maneira, traz à compreensão que o papel de educar uma criança deve ser dado prioritariamente a mulher.

Isso se deu historicamente por ter a mulher professora um papel assemelhado ao de mãe, como aquela que tem um instinto cuidador e acolhedor. Dessa forma, o interesse pelo gênero masculino na educação infantil veio a decrescer parte de algo que já foi grande até mesmo pela própria comunidade escolar.

Por outro lado, o número de professores inscritos e formados para o nível médio de ensino, nas disciplinas como ciências, física, química, entre outras aumenta a cada ano, enquanto que nos cursos de pedagogia, é quase inexistente o número de alunos do sexo masculino, o que vem a dificultar a existência de professores homens com crianças em sala de aula atuando na educação infantil.

Nesse trabalho abordarei sobre as reflexões de gênero, falando também um pouco sobre a história da educação infantil e discutirei sobre a dificuldade que graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em pesquisa aplicada com alguns alunos do sexo masculino relataram, ressaltando algumas dificuldades, tais estas que afetam não somente o relacionamento entre o pedagogo e o corpo docente escolar, mas, até questões que surgem desde a escolha do curso para a graduação, em conversação com os familiares e amigos.

O interesse por esse tema se deu no decorrer do curso de pedagogia. Vendo que em seu início, na turma em que ingressei, era composta por 45 alunos e que destes apenas 05 eram do sexo masculino. A sala de aula era um ambiente dominado por mulheres e que provavelmente para eles,

apresentariam dificuldades no decorrer do curso e posteriormente na vida profissional, caso eles optassem pela educação infantil.

Em minhas experiências apresentadas nos estágios supervisionados obrigatórios na Educação Infantil pela Universidade Federal da Paraíba, não encontrei nas escolas nenhum pedagogo. Este foi o aspecto que me chamou atenção, pois apesar da evolução da educação nas últimas décadas, ainda existe certo preconceito enquanto a atuação do pedagogo na educação infantil.

Diante do exposto, e de acordo com as experiências vivenciadas no estágio supervisionado na educação infantil, propus fazer uma pesquisa de campo, usando um questionário que seria respondido por estudantes do sexo masculino do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba sobre as principais dificuldades enfrentadas pela questão de gênero, a fim de conhecer a visão destes alunos sobre o papel do professor do sexo masculino, relacionado à Educação Infantil.

Diante disso, apresento como problema da pesquisa a seguinte questão: o pedagogo do sexo masculino tem dificuldades para conseguir ser inserido na educação infantil? Para responder a esta questão tenho como objetivo geral, conhecer as dificuldades para a inserção do pedagogo do sexo masculino na educação infantil.

Procurei fazer uma reflexão sobre esse profissional, propondo uma mudança deste pensamento em que os homens não são capazes de cuidar de uma criança de pouca idade, mas que deve ser exercida por pessoas qualificadas, independente do sexo que possua, desconstruindo esse pensamento que se encontra enraizadas desde os tempos de outrora até a sociedade atual.

A hipótese inicial por minha parte seria que a maioria dos rapazes pesquisados escolhesse em não optar por exercerem suas funções na Educação Infantil, tendo como maior causa a não escolha, os preconceitos existentes desde a escolha do curso, sendo ela pela própria família ou amigos dos mesmos, ou até mesmo dentro das instituições de ensino que dificilmente aceitam docentes do sexo masculino exercendo tais funções.

## 2 SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A história da educação infantil no Brasil começa a se transformar numa linha de eixos que se dão com a forma com que os locais partiam ficando cada vez mais popularizadas, o polo industrial continuava tendo o seu desenvolvimento no trabalho, e a formação da sociedade de forma econômica capitalista entrando em uma espécie de entrelaçamento com o cuidar maternal e o exercício feminino.

Em adição a isso, com a revolução industrial e a necessidade das mães no processo de exercer suas funções nas indústrias para sustentar suas famílias, começaram a surgir às primeiras creches no Brasil. Essas creches se deram por conta de protestos que as mulheres faziam em busca de boas condições de trabalho e também por lugares onde as mesmas pudessem deixar seus filhos, com isso donos de indústrias atendendo as demandas femininas autorizaram a construção de creches. De acordo Kuhlmann Jr (2010):

Como proposta de uma instituição moderna, a creche, para as crianças de zero a três anos [...] foi vista como muito mais do que um aperfeiçoamento das Casas dos Expostos, que recebiam as crianças abandonadas; pelo contrário, foi apresentada em substituição a estas, para que as mães não abandonassem suas crianças (KUHLMANN, 2010, p. 78).

Neste sentido, a assistência à infância seria o novo motor que passou a impulsionar o surgimento de organizações e instituições para atender, ou melhor, cuidar das crianças, com orientações para combater as elevadas taxas de mortalidade infantil, designando institutos de acolhimento para cuidar e guardar as crianças. São juristas, médicos, educadores, industriais e políticos que se dizem em prol da construção de instituições e assembleias que oferecessem acolhimento amplo às crianças.

A respeito das condições dessas instituições Silva (2014) aborda que:

Estas creches eram improvisadas e apresentavam precárias condições, não havendo nenhum tipo de embasamento pedagógico, fundamentada em uma concepção assistencialista, higiênica e sanitária e, ainda, sem nenhum

amparo por lei ao atendimento dessas crianças de 0 a 6 anos. Esse ambiente então passa a ter características femininas, devido às questões culturais, pois só as mulheres tinham essa capacidade maternal de cuidar de crianças tão novas e já aos homens destinavam-se os trabalhos braçais, tidos como provedores do lar. (SILVA, 2014, p. 11).

O acolhimento nessas creches, ligado ao campo sanitarista e médico, tinha o objetivo de nutrir as crianças, promovendo a saúde e expandindo regras austeras de higiene, associando a pobreza à incapacidade de conhecimento, como exemplo, o conjunto de noções e técnicas voltadas para o cuidado médico, higiênico, nutricional, psicológico etc. Interferindo qualquer contato com questões políticas e econômicas do país.

A creche é apresentada como a nova instituição para a solução dos problemas trazidos pela Lei do Ventre Livre, com a educação das crianças filhos de escravos (NASCIMENTO, 2015, p, 17443). Com um olhar diferente das ideias europeias onde lá eles buscavam trazer as creches para o crescimento das vias de trabalho industriais feminino no Brasil.

Com o crescimento das indústrias que aconteceu no período republicano as instituições começaram a serem abertas para atender crianças, filhos de trabalhadores e operários. Essas mudanças ocorreram na época da revolução industrial no ano de 1760, marcadas por grandes mudanças que fez e continua fazendo história, esta revolução pôde desenhar uma realidade que alterou diversas estruturas empresariais e sociais. São Paulo, Rio de Janeiro e Distrito Federal foram regiões que abraçaram a causa dessa proposta. Segundo Kuhlmann Jr (2000b):

No estado de São Paulo, desde dezembro de 1920, a Legislação previa a instalação de Escolas Maternais, com a finalidade de prestar cuidados aos filhos de operários, preferencialmente junto às fábricas que oferecessem local e alimento para crianças. As poucas empresas que se propunham a atender os filhos de suas trabalhadoras o faziam desde o berçário, ocupando-se também da instalação de creches (KUHLMANN JR., 2000b, p.8).

Enquanto que o jardim de infância era reservado para as crianças da elite, tendo como finalidade uma educação lógica e ajustada com o

desenvolvimento científico. É possível destacar também que a importância pela instrução pré-escolar deu-se pelo campo privado e as escolas para os pobres, mesmo tendo uma grande necessidade não pôde ser concretizada na época.

Por volta da década de 40 no Governo de Getúlio Vargas ocorreram mudanças feitas pela CLT (Consolidação das Leis trabalhistas) onde a mesma determinou que cada indústria ficasse na responsabilidade de planejar e organizar suas instituições maternas, com a ideia de que as mulheres mães pudessem amamentar seus bebês. Mas, como na época não existiam investigações ou fiscalização por parte dos órgãos destinados, muitas empresas não cumpriram suas responsabilidades.

Por volta de 1950, às indústrias brasileiras começavam a crescer cada vez mais, e isso fazia com que os projetos imobiliários crescessem juntos, dessa maneira os espaços destinados as crianças diminuía gradativamente, fazendo com que ocorresse a necessidade de adesão às creches. Com a unificação da ausência de espaços juntos ao grande desenvolvimento que acontecia na época, às mulheres sentiam a necessidade de trabalhar, dessa vez unindo-se as das classes operárias e as de classe média.

Conforme referencia Spada (2005):

Contudo, a omissão do Estado em assumir a responsabilidade pela criação e manutenção das creches fez com que essas instituições sofressem discriminação e, sobretudo, fez com que a creche ficasse durante anos envolta em um nebuloso conceito de assistencialismo (SPADA, 2005, p. 2).

Esta colocação do autor vem ao encontro de que essa omissão impossibilitou a criação de uma identidade bem resolvida e bem estabelecida não somente para a instituição, como também para seus funcionários. Mesmo diante de toda essa problemática, muitas crianças de ambas as classes puderam ter acesso a creches. No ano de 1971 deu-se início ao aparecimento das pré-escolas com a Lei 5.692, as mesmas tinham a função de amparar crianças com faixa etária de 0 a 7 anos no jardim de infância, instituições equivalentes e escolas consideradas maternas.

Nesse contexto, havia um impasse no desenvolvimento cultural das mesmas, tendo como a ampliação do cognitivo para crianças de classes superiores, enquanto que para os filhos de pais e mães de classe social menos

abastada não era apresentada uma proposta educativa a não ser o cuidar e o assistir que estavam sendo favorecidos.

Em 1988 quando ocorreu à promulgação da nova Constituição Federal brasileira, a Educação Infantil passa a adquirir um capítulo, dando o direito às crianças de 0 a 6 anos de idade, dois anos depois e assim já na década de 90 é implantado o estatuto da criança e do adolescente (ECA). A educação infantil teve grande contribuição com o nascimento do ECA para a implementação de suas políticas públicas.

Alguns anos depois foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394-1996) onde teve a educação infantil como primeira etapa da educação básica. Como Silva (2014) enfatiza:

A educação escolar é organizada pela LDB em educação básica e educação superior, colocando a educação infantil, como a primeira etapa da educação básica, em seus artigos 29 e 30 da referida lei, a qual será oferecida em creches para as crianças de zero a 3 anos e em pré-escolas para as crianças de 4 a 6 anos de idade (SILVA, 2014, p. 13).

Diante deste exposto a respeito das etapas da educação postas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é importante destacar a alteração da Emenda Constitucional nº 53/2006 que se institui uma modificação entre as idades máximas de permanência na educação infantil constituídas antes na LDB e na Constituição, em que é comprimido o limite de idade para 5 anos, tendo o ensino fundamental duração de 9 anos.

Em 1996, a LDB, no artigo 62, determina sobre a formação do professor, que para atuar na educação básica é preciso nível superior em universidades ou institutos superiores de educação, admitindo como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil, bem como nas primeiras quatro séries do ensino fundamental, a nível médio, na modalidade Normal.

No artigo 62 da LDB 9394/96, é definido que a formação do professor para exercer sua função será necessário passar pelo nível superior em instituições universitárias de educação, tendo assim como formação mínima, e podendo exercer a função nas primeiras quatro séries do ensino fundamental.

Dessa forma, não aparece em nenhum momento na Lei que docentes do sexo masculino são proibidos de exercer a função na educação infantil.

Neste sentido, as instituições precisam compreender que a formação docente tanto dos homens quanto das mulheres são funções iguais e precisam ser respeitadas da mesma forma. Além disso, as escolas necessitam oportunizar espaços de atuação para que os homens possam mostrar seu conhecimento e contribuir no ensino e aprendizagem destas crianças.

É preciso fazer valer o que diz a lei e torná-las efetiva em sua totalidade, ou seja, que todas as escolas e gestores possam entender a necessidade de promover a presença de professores no contexto escolar, a visão de cuidado doméstico e higienista ficaram no passado, na atualidade exige-se a democracia, o respeito, a tolerância, o cumprimento das leis e a igualdade de direitos entre todos os cidadãos.

No que se refere ao exposto acima é essencial que entendamos o conceito de infância para que possamos nos apropriar deste contexto vigente dos conceitos já discutidos anteriormente. O conceito de infância vem sendo alterado desde décadas passadas muito se discutia qual o melhor conceito se encaixa a essa fase do ser, sendo até chamado de pequenos adultos.

Com o passar do tempo essa denominação foi ganhando espaço e sendo essa etapa da vida dos indivíduos foram sendo considerados e respeitados, o que não acontecia em épocas remotas. Hoje infância é definida por alguns autores como sendo “A criança deve ser vista como um ser completo, biopsicossocial” (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008, p. 60).

### **3 FALANDO SOBRE GÊNERO**

Ao falar do assunto gênero, percebe-se que em nossa sociedade de uma forma ampla a vida profissional de um indivíduo é determinada de certa maneira pelo seu gênero, causando muitas ou quase todas às vezes certas desigualdades na sociedade.

Segundo Vianna e Ridenti (1998, p. 96) ao falar que “em nossa sociedade, as desigualdades entre homens e mulheres são fortemente atribuídas às distinções de sexo, com evidentes conotações biológicas”, é importante destacar que a diferença entre homem e mulher encontra-se na



parte física e não em sua capacidade ou habilidade de ocupar cargos que ambos os gêneros atuam.

O gênero se inicializou como uma forma de se referir a uma organização social entre os sexos, insistindo em um caráter fundamentalmente social das diferenças relacionadas ao corpo, também eram utilizados para destacar as definições normativas sobre a feminilidade e a masculinidade.

Desta forma, sobre a ótica de Vianna e Ridenti (1998, p. 97) “gênero remete, portanto, a uma tentativa de incorporar, na análise, aspectos que são socialmente construídos, observando que cada cultura define o que é masculino e feminino”. Ainda sobre seu pensamento é possível inferir o conceito versa sobre as definições mutáveis, que ora podem e, por vezes, precisam ser alteradas.

Na divisão do trabalho em muitas sociedades o padrão masculino e feminino é o que determina a função profissional de cada gênero, essa divisão segundo Vianna e Ridenti (1998),

se constitui em torno de uma tendência praticamente universal de separação de vida social entre esfera pública, associada ao homem (à política e ao mercado de trabalho), e esfera privada, doméstica, vinculada à reprodução e ao cuidado das crianças. (VIANNA; RIDENTI, 1998, p. 97)

Diante o exposto percebe-se que a sociedade vive um conflito interno e externo com seus indivíduos, pois é conveniente e justo atribuir um cargo a determinado ser apenas pelo seu gênero, agir desta forma contribui para a sociedade machista e opressora. Tanto o homem quanto a mulher são capazes de desenvolver diversas funções, não se pode atribuir uma determinada função pelo seu gênero. Muitos homens têm executado muitas funções costumeiramente tidas com exclusividade das mulheres e vice-versa.

Mas, dessa forma seria um pouco precipitado adicionar esse critério de separação profissional as esferas públicas e privadas a todas as culturas. Contudo Vianna e Ridenti (1998).

A divisão sexual do trabalho elabora-se sobre as diferenças biológicas, sendo que cada sociedade a organizaria e modificaria, ressaltando ou suprimindo características que

possuem fundamentação biológica de acordo com valores, costumes e interpretações específicas.  
(VIANNA; RIDENTI, 1998, p. 97).

Deste modo, o determinismo biológico teria uma grande definição de desigualdade entre o homem e a mulher, tendo assim a medicina e as ciências biológicas como grandes aliadas para definirem normas sociais a respeito das relações de gênero.

A antropologia para explicar a diferença de sexo entre homens e mulheres usou por muitas vezes uma explicação evolucionista do homem, onde o gênero masculino teria uma composição mais avantajada para desenvolver a caça enquanto as mulheres cuidariam de seus filhos e da coleta de alimentos.

Segundo Vianna e Ridenti (1998, p. 97) indagam que “a força física masculina e uma “inata” capacidade de liderança habilitariam o homem para proteger e garantir o sustento da família”. Já por outro lado, a mulher teria uma referência maternal, tendo dessa forma um papel de nutridora habilitada para a criação dos filhos.

Na educação infantil no Brasil, compreende-se que é uma profissão exclusivamente destinada ou optada por pessoas do gênero feminino, essa pluralidade se dá devido a relação feminina com a prática de cuidados. É interessante observar que ao analisarmos, vemos que grande parte do gênero feminino está dentro das salas de aula.

Com isso, é possível observar também que, o gênero masculino é tão pouco visto exercendo o papel de docente, o que torna a ser um problema, tendo em vista que “gênero é constituído por homens e mulheres em relações sociais” Silva (2014, p. 23). O papel de docente na Educação infantil não está exclusivamente destinado ao sexo feminino, mas é verídico que as mulheres são encontradas em maior quantidade nesta área, destinadas ao cuidar e educar de crianças em seus anos iniciais.

É no trabalho do dia a dia que homens e mulheres em conjunto podem elaborar essa profissão, não somente nesse aspecto, mas também na docência na Educação infantil, não deixando a estrutura de gênero ser um fator determinante da profissão, mas buscando anular e desconstruir ideias e críticas do que diz a respeito ao gênero profissional para a Educação Infantil.

Não se pode colocar as funções entre mulheres e homens neste contexto educacional e em outros como algo pré-determinado, isolando os indivíduos. A partir deste momento surgem as discriminações que estão presentes e assim propagando o pensamento de que apenas o gênero feminino está preparado para atuar na educação infantil.

Tanto o gênero feminino quanto o masculino tiveram as mesmas experiências acadêmicas e receberam os mesmos ensinamentos. É importante perceber que mesmo sendo algo cultural essa distinção de valores e tratamento quanto ao educador, é preciso a quebra dos discursos ainda enraizados socialmente. Além disso, a naturalização desses discursos contribui negativamente para os educadores e para o ingresso no mercado competitivo.

A prática do cuidar é algo construído tanto por homens como também por mulheres, mas, de certa forma por terem alguns costumes diferentes, eles também aprendem a cuidar de um jeito diferente e diversificado, significando dessa forma que não existe uma maneira padrão do masculino ou feminino em se cuidar de crianças. Sobre esse questionamento, Silva (2014, p. 23) indaga que “independentemente do gênero do professor, esse profissional atuará na Educação Infantil conforme sua capacidade, amor e dedicação”.

Em meio a essa realidade muitos homens acabam optando por áreas de comando, causando assim o afastamento desses, de situações como essas que são corriqueiras na sociedade. Embora a educação infantil seja em sua maioria composta por mulheres, os educadores precisam entender que o espaço não pertence exclusivamente a elas e que as instituições também são campos pensados para homens.

Apesar das poucas evidências ou aparições do gênero masculino nas salas de aulas, a Educação privilegia os homens, fazendo-os com que estejam em operações de comando nas áreas educacionais, o que explica o afastamento desses docentes das salas de aulas. Por meio desta pesquisa é importante ressaltar que os profissionais masculinos que atuam na educação infantil, são capacitados e preparados assim como outros sujeitos da área educacional.

Por mais que tenham ocorrido transformações sociais no mundo, são perceptíveis discursos retrógrados quanto ao gênero masculino, atuando no âmbito da educação infantil. Historicamente as mulheres detinham esse espaço

unicamente, mas o ato de ensinar não pode ser entendido como amor materno ou campo doméstico, mascarando a prática docente e colocando o ensino e a profissão em outra ótica, disseminando cada vez mais os olhares preconceituosos sobre os profissionais masculinos e assim causando o desinteresse pela área da educação.

Neste sentido, é necessária a luta por respeito e enfrentamento sobre essa situação, objetivando uma constante busca de se ter um novo olhar que perceba a importância e necessidade dessa quebra de barreiras e que reconheçam todos os profissionais da educação infantil com igualdade, sem estereótipos, preconceitos, apontamentos etc.

Quanto ao preconceito existente na sociedade com relação a funções de trabalho determinadas para homens e mulheres Belo e Camino (2012) afirmam que:

Discursos discriminatórios elaborados socialmente permanecem moldando as ações dos indivíduos, entretanto a mudança na forma de expressão do preconceito de gênero, que é apresentado de uma forma sutil, mascarada, torna-o pouco reconhecível à primeira vista e leva tal ideia a se expressar de várias maneiras no contexto social (BELO; CAMINO, 2012, p. 273).

Deste modo, a sociedade vai disseminando julgamentos de toda e qualquer forma, o preconceito está enraizado nas pessoas, por se tratar de um fator cultural e por existir as discriminações é que os pedagogos sofrem com as negações das instituições, pais, amigos e sociedade como um todo.

As crianças precisam ter contato com o pedagogo homem desde cedo para que compreenda que não são apenas as mulheres que podem ensiná-los, é necessário que tanto crianças quanto adultos comecem a repensar o estereótipo do papel do homem e na protrusão da visão da maternidade na educação infantil.

Desde pequenas as crianças são ensinadas a saber diferenciar os brinquedos de homem e mulher, que o cuidado do lar fica a cargo da mulher, entre outros aspectos que acabam contribuindo no preconceito, e em muitos casos são incentivados pelos pais através de discursos e brincadeiras de teor preconceituoso. Embora quando pequenos não compreenda direito, seus filhos

podem disseminar falas que serão mal interpretadas e desagradáveis em meio aos colegas.

Corroborando com este pensamento Rodrigues (2017) aponta:

O homem na pedagogia revela uma nova percepção na educação formadora. Essas definições impostas pela sociedade desde cedo, confunde-se com comportamentos profissionais no futuro, onde são vistos mulheres como pedagogas, o que evidencia a discriminação por parte dos homens para entrar nessa carreira desde cedo (RODRIGUES, 2017, p. 24).

Essas premissas apontam que é indispensável repensar sobre esse contexto, já que o ato de ensinar é moral e transformador para a escola, sendo igual entre homem e mulher, afinal, as profissões que abrangem o ato de cuidar precisam assumir o compromisso moral, independente se é mulher ou homem. É importante ressaltar que este compromisso não deve estar presente apenas nas salas de aula, é preciso dissociar a visão estereotipada de gêneros na educação infantil e enxergar a verdadeira importância das práticas pedagógicas independente do gênero.

A atuação do homem enquanto pedagogo não é, e nunca pode ser vista com estranheza, pois a definição de profissionalismo não pode estar atrelada ao gênero, faz-se necessário uma reflexão acerca dessa realidade, possibilitando que estes profissionais mostrem sua capacidade, seu domínio em sala e mais do que isso que seu gênero não determina sua competência em lidar com as crianças, ensinando e aprendendo diariamente.

Conforme Valente (2002) para que haja uma quebra de paradigmas na formação de pedagogos e a integração dos mesmos no seu papel na escola, é necessário entender os novos conceitos da sociedade, valores e ideias referentes à conjuntura da educação, bem como o do professor e sua ação na escola.

A discussão de trabalhos sobre essa temática redesenha um novo pensar sobre a formação dos pedagogos e sua inserção no mercado de trabalho, identificando seus processos constitutivos, dificuldades de aceitação por parte da sociedade, escolas, parentes, amigos, enfim, por setores que

deveriam enxergar no pedagogo um profissional com grande potencial de construção e desconstrução de metodologias ativas e dinâmicas.

A desconstrução do olhar da sociedade sobre a pedagogia contribui para a inserção do homem na escola como sujeito de direitos igualitário no processo educativo, em que a única diferença entre pedagogos são suas práticas pedagógicas, a construção da identidade de cada um sobre sua ótica. Para que isso ocorra é necessário o envolvimento e a luta de pedagogos com uma formação adequada e em sintonia com o mundo atual, desmitificando conceitos.

Desta forma, se o homem é visto como pedagogo e está preparado para trabalhar com práticas para redimensionar julgamentos e estereótipos e à procura de mais formação e influência com valores da educação, consequentemente este profissional questionará cada vez mais sobre sua atuação na escola e na sociedade, estabelecendo um ambiente de transformação de visão da pedagogia, passando a existir a necessidade de um diálogo sobre gênero na instituição através de sua defesa e de seu desempenho na educação.

#### **4 OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS DOCENTES POR SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Aprender a exercer a docência que é transmitida como um trabalho feminino implica ao homem que pretende exercer a docência um preparo profissional. Normalmente, é como um atleta que precisa aceitar as leis que devem ser obtidas para que possa praticar uma atividade esportiva, dessa mesma forma, um docente na educação infantil que estará rodeado de professoras, precisa buscar na prática a melhor forma de desenvolver o seu trabalho.

Mas, essa preparação pode acontecer muito antes, quando ainda jovem, e com papel de discente dentro de um curso repleto de mulheres, o homem começa a lutar com os próprios pensamentos negativos. Fazendo uma comparação Welzer-Lang aborda que:

Como um jovem atleta nos primeiros grupos de meninos, se “entra” em luta dita amigável (não tão amigável assim se acreditamos no monte de choros, de decepções, de tristezas escondidas que se associam a eles) para estar no mesmo nível que os outros e depois para ser o melhor. (WELZER-LANG 2001, p. 463).

Pode-se afirmar que o homem passa por esses mesmos desafios acadêmicos. O desafio logo começa na chegada à universidade, quando o discente encontra em sala com 40 a 50 alunos e desses, se depara com 36 a 46 mulheres, o que traz muitas vezes para o homem o pensamento que de alguma forma está no curso errado.

Mas esse não é o único problema, quando tratamos sobre gênero, é claro que entramos no campo da sexualidade, onde a educação está de certa maneira interligada nesse assunto. Louro (2007) em seu livro *Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas* faz uma abordagem sobre o tema falando que:

Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável (LOURO, 2007, p. 203).

Na Educação Infantil como é visivelmente clara, a inserção de pedagogos é um tanto difícil, pois o gênero do mesmo fica mais evidente do que sua capacitação e profissionalismo, percepção essa das instituições, dos familiares e até mesmo da sociedade. Se para homens que se consideram heterossexual essa profissão é difícil à sua inserção no mercado de trabalho, com certeza para rapazes que se consideram homossexual é de certa forma também inviável.

A autora, além disso, esclarece que “Essa é uma questão que se enraíza e se constitui nas instituições, nas normas, nos discursos, nas práticas que circulam e dão sentido a uma sociedade – nesse caso, a nossa”. (LOURO, 2007, p.123). Mas, o que deve ficar bem claro nesse tópico é que independente da orientação sexual de um profissional, o que se deve observar de mais

importante são suas práticas educacionais dos docentes masculinos, ao contrário disso, não é benevolente a discriminação profissional para homens e mulheres.

## **5 O MASCULINO AINDA DOMINANTE NA SOCIEDADE**

A dominação feminina na área pedagógica é algo claramente evidente de se perceber dentro da academia, as mulheres são a grande maioria em relação aos homens quando o tema é Educação Infantil.

Porém quando a análise é feita de forma geral, observamos que a dominação masculina em relação às mulheres é algo totalmente inverso do que vemos na Educação Infantil. Segundo Welzer-Lang (2001, p. 466) “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”.

Em meio a essa dominação, observamos que existe uma opressão sofrida pelas mulheres em relação aos homens. Esse processo é causado de certa forma pelas vantagens exercidas pela classe do gênero masculino, e diante dessa situação existe uma luta das mulheres para que os direitos das mesmas, em relação a eles (homens) possam ser de maneira equilibrada.

Ao exemplificar sobre esse assunto Daniel Welzer-Lang (2001, p. 468) indaga que “Quando se atribui ao dividir uma torta sete partes aos homens e uma às mulheres, a luta por igualdade deve significar que se divida a torta em porções iguais. Logo, os homens terão menos!”.

Essas análises sobre a dominação masculina devem levar em consideração alguns aspectos, que levam a outras relações sociais tais como as divisões hierárquicas, divisões essas que tem ligações diretas com as classes sociais, grupos étnicos, idade.

Quando falado sobre esse possível privilégio por parte da classe masculina sobre a classe feminina, o autor mostra claramente que por parte de homens e mulheres, não há uma percepção clara sobre essa vantagem que traz do social simbólico, atividades de nobreza para os homens e de pouco valor as mulheres. Segundo Welzer-Lang (2001):



Não somente homens e mulheres não percebem da mesma maneira os fenômenos, que são, no entanto, designados pelas mesmas palavras, mas sobretudo não percebem que o conjunto do social está dividido segundo o mesmo simbólico que atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. (Welzer-Lang, 2001, p. 469).

Com esses fatos, é verídico que mulheres e alguns homens por volta de algumas décadas passadas vem se embasando em pesquisas para mostrar e explicar tal fenômeno de dominação, alguns textos discutem essa temática e mostram de forma clara essa dominação e consideram tal fenômeno como natural, tendo de certa forma uma relação com a divisão social e hierárquica com o sexo. E que nascem dessas análises críticas do feminino o combate contra o sexismo<sup>1</sup>.

## **6 REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DO PROFESSOR DO SEXO MASCULINO QUE ATUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A COMUNIDADE ESCOLAR.**

Apresentado como minoria, segundo Silva (2014) “o professor do sexo masculino é apenas 2,9% na docência com a faixa etária de alunos de 0 a 6 anos de idade”. Trazendo esse baixo índice de docentes na educação infantil, é notável que de certa forma aconteça um estranhamento não só por parte da comunidade escolar, mas também por parte da família, fazendo com que o docente durante a sua graduação enfrente situações como o preconceito, a desvalorização de seu futuro trabalho profissional.

Por terem invadido um espaço que há algumas décadas vem sendo dominado por mulheres, e dessa forma trazendo à tona uma discussão sobre a questão de gênero no profissionalismo educacional infantil. Segundo o conceito de gênero de Louro (1997) é importante compreendê-lo “[...] como constituinte da identidade dos sujeitos”, mas é importante saber que os sujeitos possuem em seus gêneros identidades variadas, e não somente uma, podendo dessa forma ter um caráter transitório, e assim com o passar dos tempos, esse caráter pode vir a se modificar.

---

<sup>1</sup> Atitude de discriminação fundamentada no sexo.

Dessa maneira, muitos homens e mulheres que se comportam de tal maneira por conta de sua identidade são passíveis a terem mudanças futuramente. De acordo com Louro (1997):

[...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...] (LOURO 1997, p. 25).

O professor logo que inicia sua carreira como docente e assume o papel de trabalhar com crianças, de imediato traz certa estranheza por parte da comunidade escolar, tensões e muitas reflexões acerca do que o tenha motivado a exercer tal função. Fazendo com que haja a compreensão entre eles e todos os demais sujeitos envolvidos na instituição e vendo também como a comunidade escolar irá ver e conviver com a presença desse sujeito.

A certeza é que esse profissional de educação irá logo de cara ter uma visão preconceituosa por parte da comunidade escolar, que vai vir a duvidar da sua capacidade e muitas vezes de sua masculinidade, provocando no mesmo desconforto, constrangimento e outras sensações que o fará refletir sobre si mesmo, sobre sua carreira como docente e sua didática de ensino.

O amor, o carinho e a afetividade pela profissão e a vontade de romper barreiras e quebrar preconceitos fazem com que os professores homens se dediquem ao máximo exercendo com excelência seu trabalho com crianças. Quando falado sobre a figura paterna Silva (2014) destaca que,

Uma questão bastante vinculada a esses profissionais de maneira positiva é a questão da figura paterna que estreita a relação entre as crianças, trazendo benefícios emocionais que uma figura masculina pode representar para uma criança privada da figura paterna (SILVA, 2014, p. 18).

Sendo assim, o profissional da educação infantil do gênero masculino tem preparação e capacidade para ensinar aos alunos da educação infantil, pois além de estar postulado na Lei, a sociedade precisa enxergar esse

educador como um ser social, pensante, atuante que independente de seu gênero ou até opção sexual exerce seu papel com maestria, tais sujeitos não dedicaram anos de sua vida numa instituição para ver seu currículo engavetado e sua função ser vista com preconceito, julgamentos etc.

## **7 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Com o intuito de buscar algumas informações sobre possíveis preconceitos enfrentados no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (Campus I) pelo público masculino que é considerado em menor número na graduação do curso, foram assim pesquisados entre os dias 15 de março a 21 de março de 2018 um total de 14 alunos do sexo masculino, os quais estão distribuídos nos 3 turnos (manhã, tarde e noite).

A pesquisa realizada tinha inicialmente algumas questões relacionadas a dados dos participantes, tais como: Idade; Identidade de Gênero; Período que cursavam; raça/cor que os mesmos se consideravam; Cidade natal; Local onde residem atualmente; Estado Civil dos participantes; Renda salarial; Renda total em relação à família; religião que se declaravam pertencer.

Já no segundo momento da pesquisa, as questões tratadas se relacionavam ao curso de pedagogia nos quais os mesmos estão envolvidos atualmente, foram 13 questionários utilizados. Contendo questões abertas e de múltiplas escolhas. A questão aberta se tratava de entender por parte dos participantes da pesquisa qual o maior obstáculo para um homem exercer sua função como pedagogo na Educação Infantil, fazendo com que os mesmos indagassem suas opiniões ou até mesmo experiências vivenciadas no cotidiano caso quisesse relatar.

Já as outras questões tinham como objetivo saber dos alunos pesquisados se os mesmos tem interesse em lecionar na Educação Infantil; Qual área pedagógica os mesmos pretendem exercer suas funções; Quais os maiores impasses encontrados por um docente do sexo masculino para lecionar na Educação Infantil; Houve algum tipo de manifestação de preconceito de alguém pelos mesmos terem escolhido cursar pedagogia?

A última pergunta estava relacionada se em algum momento os alunos da pesquisa se sentiram desmotivado por estarem em um curso com maior

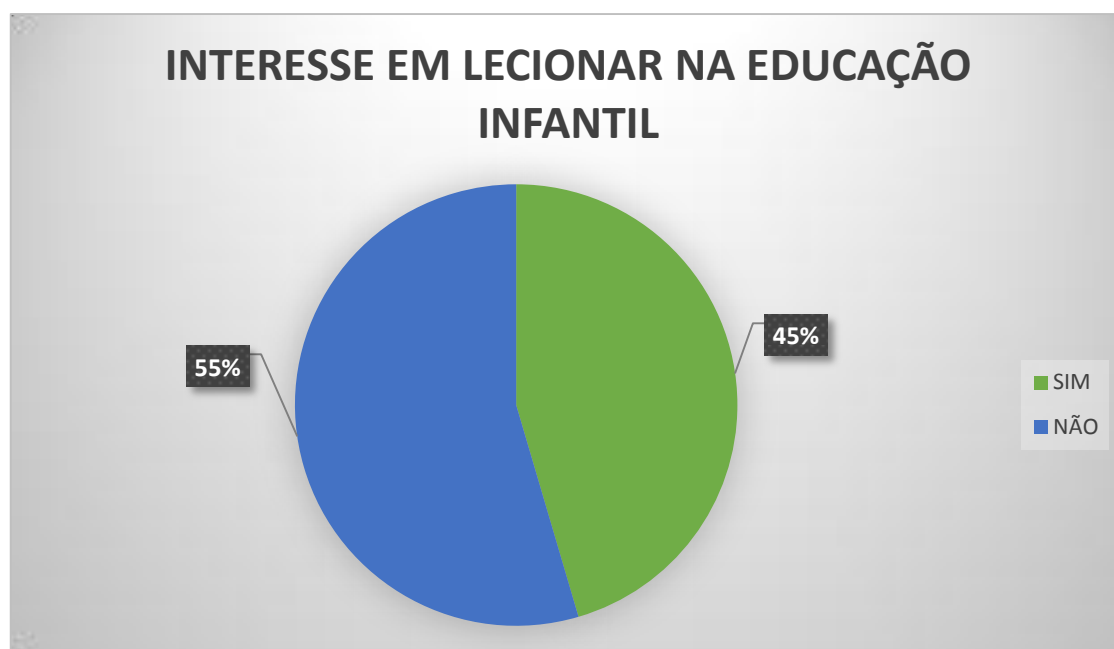
índice de ingressantes do sexo feminino. O modelo com todas as perguntas dessa pesquisa encontra-se no final desta publicação. Os alunos pesquisados tinham idade entre 19 e 56 anos, estando cursando entre o 1º ao 9º período da graduação.

Os gráficos a seguir apresentam a realidade encontrada com os sujeitos da pesquisa quanto ao interesse de lecionar na educação infantil, dados que serviram como aporte para a construção científica. Apresento agora alguns dados obtidos em minha pesquisa que ajudarão a compreender a análise dos dados.

## **8 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como pode ser observado no gráfico 01 abaixo, 55% dos entrevistados relataram não ter interesse de lecionar na educação infantil, pois existe uma variedade de empecilhos que dificultam a inserção dos mesmos nos espaços educativos, esta dificuldade começa na aceitação dos pais, amigos, sociedade, a escola entre outros fatores.

Porém 45% dos entrevistados informaram que mesmo exista tantas barreiras eles têm o desejo de ensinar de transformar vidas através da educação e que esses empecilhos encontrados tanto em casa quanto na sociedade como um todo serão extremamente importantes para sua formação pessoal e profissional e sabem o quão difícil é conseguir trabalho nesta área, uma vez que o preconceito está presente e pior ainda velado em muitas instituições escolares.



**Gráfico 1. Fonte:** Criada pelo pesquisador, 2018.

O que ajuda a explicitar esse questionamento é a fala do Entrevistado F, “Eu não pretendo trabalhar com a educação infantil, pois esta educação é específica de mulheres”. Percebe-se que de tanto ouvir certas afirmações acabam que eles mesmos propagam o discurso fadado.

É importante destacar que esse pensamento dito pelo entrevistado não pode ser naturalizado, e é contra isso que os sujeitos críticos e reflexivos precisam lutar e apropriar-se de todas estas informações e compreender que mais do que gênero, o pedagogo é profissional e capaz de atuar em qualquer espaço seja ele qual for.

Para Graupe e Bragagnolo (2015) percebe-se um questionamento bastante pertinente quanto aos preconceitos que ocorre dentro das instituições fazendo-nos refletir quanto a sua quebra de julgamentos:

Pensar em gênero e escola é considerar construção e desconstrução, lutas, interesses, necessidades, como também, conquista da educação como um direito intransferível do cidadão, da cidadã. Entender a educação conforme as possibilidades de mudanças, transformações, implica em abandonar certos valores, preconceitos, discriminações, portanto ultrapassar análises simplistas e cartesianas da educação (GRAUPE; BRAGAGNOLO, 2015, p. 13).

Deste modo, faz-se necessária a discussão para que possamos desconstruir tabus, e assim alcançaremos uma sociedade mais igualitária. A pesquisa proporcionou alguns dados interessantes no que diz respeito a esses preconceitos e discriminações:

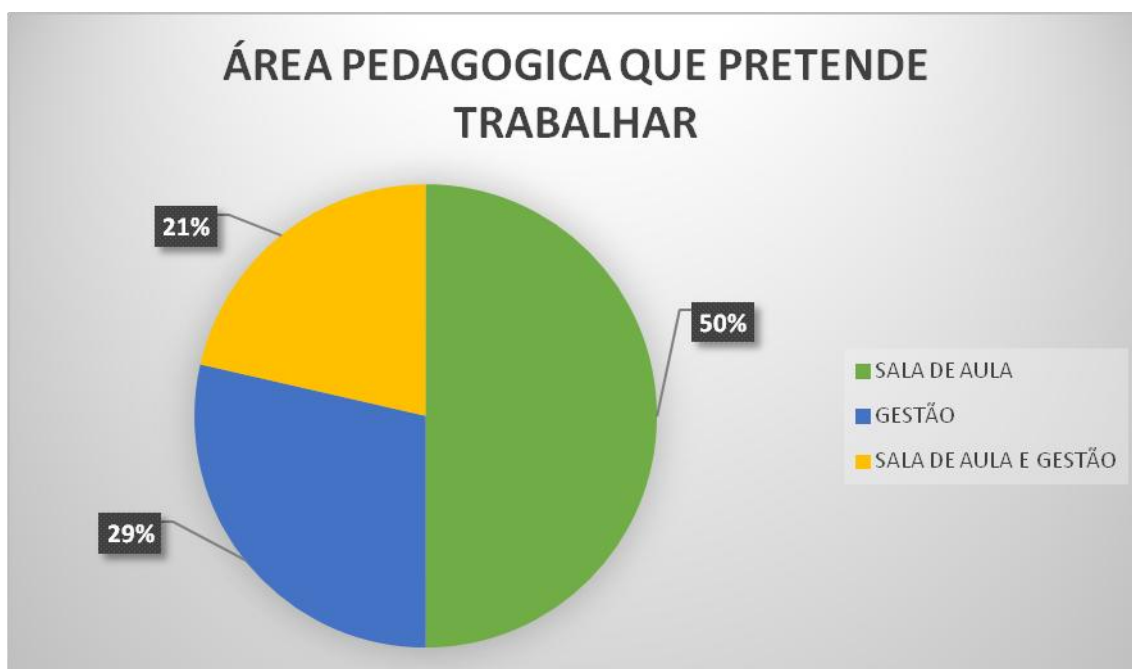
Para mim existe uma maior resistência dos pais aceitarem um profissional do sexo masculino (ENTREVISTADO G, 2018).  
Primeiro vejo que isso é algo histórico, obstáculo cultural e até hoje não se conseguiu mudar essa realidade. Afeta diretamente os pedagogos que tem vontade de trabalhar com a educação infantil (ENTREVISTADO H, 2018).

A confiança dos pais. O professor da educação infantil por naturalidade temporal foram atendidas educacionalmente pelo sexo feminino. O que causa impacto ao ver os pais terem seus filhos (as) atendidos por um professor (ENTREVISTADO I, 2018).

Neste sentido, podemos considerar que, embora não haja tanta representatividade do gênero masculino no curso de pedagogia, e considerando-se que ainda persistam barreiras tidas pelo preconceito, o profissional homem na educação infantil é um agente transformador que a sua atuação enquanto pedagogo, social, político entre outros aspectos. Precisa ainda ser considerada a sua capacidade e profissionalismo na sala de aula e não dar ênfase a seu gênero ou sexualidade.

A sua ação pedagógica é que precisa ser avaliada e considerada, pois, o que importa é o seu desenvolvimento e o da criança em todos os seus aspectos, seja cognitivo, psicológico e social. É desta forma que podemos contribuir para a formação do futuro ou atual docente, com um novo olhar sobre sua habilidade e formação, além de enxergá-los enquanto sujeito de direito e deveres, de competência e profissionalidade.

A criança é capaz de receber cuidados, carinho, atenção e o principal, educação por um professor homem, e mais ainda erradicando através da sua atuação o preconceito, a desvalorização e proclamando a construção de uma nova percepção de futuro por parte desse profissional, em que o seu maior objetivo é somar, juntamente com todos da equipe docente de qualquer instituição, de forma positiva na educação infantil.



**Gráfico 2. Fonte:** Criada pelo pesquisador, 2018.

Mesmo diante a toda problemática no que se refere à atuação dos pedagogos nas salas de aula, muitos responderam que seu maior interesse é esta na sala de aula, ensinando e aprendendo.

É satisfatório perceber que muitos desses futuros profissionais lutam para conquistar seu espaço, além disso, tornam sujeitos motivadores para outros pedagogos que estejam passando pelos mesmos problemas e também é uma forma de quebrar barreiras e mostrar a capacidade e competência para atuar na educação infantil.

É importante ressaltar que não pode existir diferença profissional entre homens e mulheres. As crianças, desde a educação infantil, necessitam da figura masculina interagindo com elas. A criança não nasce preconceituosa seu comportamento vai mudando de acordo com o meio a qual está inserida e da educação que recebe.

De acordo com Oliveira, Silva e Souza (2017) o que se configura que tanto pedagogas quanto os pedagogos têm as mesmas funções, logo não podem ser tratadas com diferença, nem discriminações por motivo de gênero:

[...] a prática formativa do acadêmico em pedagogia e suas práticas devem contemplar, através de instrumentos e atividades, o processo de aprendizagem e desenvolvimento

motor dos escolares de acordo com sua faixa etária e características individuais, sendo necessários, conhecimentos das fases motoras do crescimento para ampliação de estratégias pedagógicas (OLIVEIRA; SILVA; SOUZA, 2017, p. 349).

Neste sentido, percebe-se que as exigências para a atuação de ambos os gêneros são as mesmas, sua capacidade e habilidades é o que realmente importa, além disso, ambos são fundamentais nas escolas para preparar e orientar atividades que ensinem e aperfeiçoem a motricidade das crianças, gerando um melhor aprendizado a partir das estratégias pedagógicas que instiguem o desempenho cognitivo e motor das crianças.

Deste modo, é importante que as crianças aprendam que o universo feminino não é o único existente e que os pedagogos são professores que tem a mesma significância que as pedagogas, suas funções são as mesmas e sua importância enquanto pessoas e profissionais também. É preciso que as escolas estejam prontas para receber esses profissionais que tanto lutam por espaços e que além de terem serem ignorados por algumas instituições persistem no seu sonho e na esperança de inserção nos espaços escolares.

Quanto aos 29% dos entrevistados que pretendem atuar na Gestão, vale destacar que muitos alegaram que devido ao preconceito e pela dificuldade de encontrar trabalho como docentes optam pela parte gestora por ser considerada mais flexível. Enquanto que outros mencionam a desmotivação de atuar num setor com baixos salários, e onde a desvalorização se faz presente.

De acordo com Brzezinski (2008) coloca que:

[...] o desafio a ser enfrentado reside, em especial, em colocar em prática a aceção de docência explicitada nas DCNP, pela qual o ato de dar aulas se articula à pesquisa e à gestão, portanto a formação do pedagogo não se esgota na docência, ele deve ser preparado para outras dimensões do trabalho pedagógico (BRZEZINSKI, 2008, p. 223).

Dentro desta ótica, é possível identificar que a Pedagogia, sob estes dois pontos, enquanto formadora de profissionais da educação, não prepara apenas educadores, mas profissionais com uma vasta competência e ação educativa, aptos para trabalhar como gestores. Nesta perspectiva, o papel



exercido pelos responsáveis da equipe gestora na escola de educação infantil é extremamente importante.

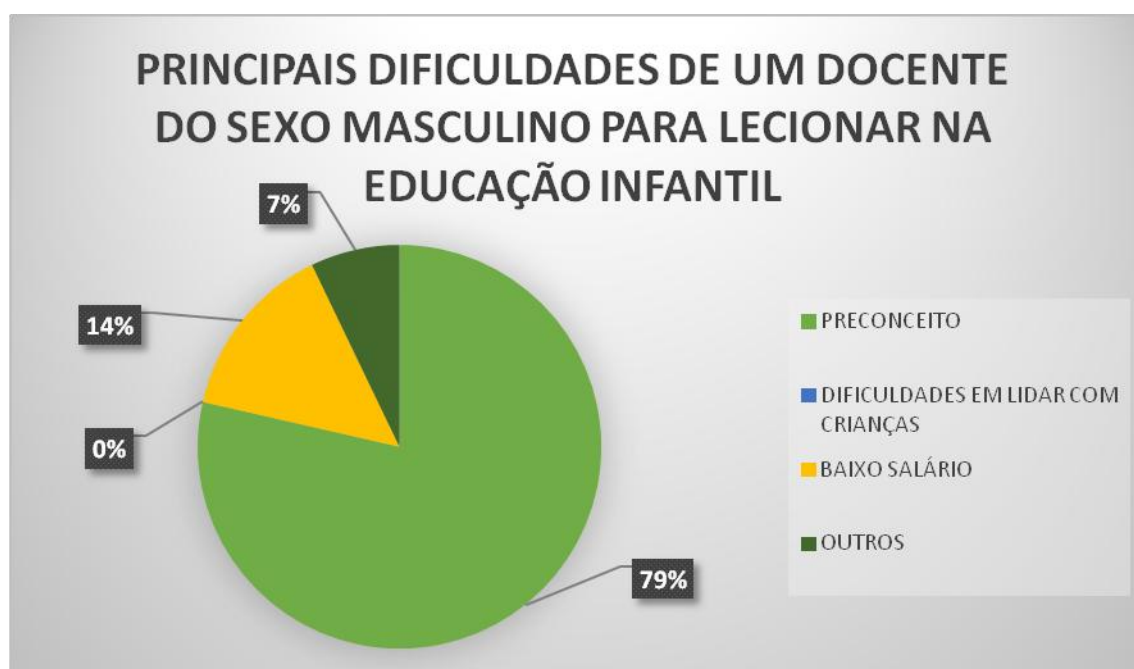
Faz-se necessário a formação e comprometimento pedagógico por parte desses profissionais, pois são eles que preparam o caráter como os projetos estabelecidos pela escola serão realizados, possibilitando a participação e o envolvimento de todos, no momento de planejar e no de executar as ideias levantadas pelo grupo.

Quanto aos 21% dos entrevistados terem informado seu interesse em atuar tanto nas salas de aula quanto na gestão, Santos (2006) aponta que o ser humano enquanto profissional vive uma busca de significado e sentidos, sendo estes impulsionados pela necessidade de responder a necessidade que ele tem de construir sua identidade no sentido de obter uma maior consistência sobre aquilo que pretende alcançar, é sobre isso e por isso que esses profissionais não desistiram.

Este é um exemplo de amor à docência, pois em meio a tantos motivos para desistir os mesmos buscam na educação a força e a perseverança que pode mudar esse cenário e o melhor, que pode oportunizar uma educação digna e de qualidade através de suas estratégias e repertórios de ensino e aprendizagem. Conforme Silva (2010) quanto a figura do homem em uma instituição de educação infantil, como professor:

[...] provoca a emergência de uma série de sentidos e significados relacionados a padrões estereotipados de gênero e de papéis associados ao masculino e ao feminino, geralmente fundamentados em argumentos biológicos que naturalizam características que são, na verdade, construídas histórica e culturalmente. [...] emergem sentidos e significados sobre família, sobre infância e sobre a responsabilidade do cuidado e educação da criança assim como sobre a própria função da educação infantil. (SILVA, 2010, p. 114).

A pesquisa mostrou que mesmo em pleno século XXI verificamos quanto preconceito continua enraizado nas pessoas e o que mais espanta é quando o preconceito é tido com a categoria de professores que mais do que ensinar querem respeito enquanto pessoas e quanto profissionais, pois de acordo com eles mesmo não passarão e nem passaram anos de suas vidas dedicando-se a profissão para agora serem vistos com diversas nomenclaturas e preconceitos.



**Gráfico 3. Fonte:** Criada pelo pesquisador, 2018.

Como evidenciado no gráfico 03 algumas dificuldades são enfrentadas pelos mesmos não só durante a graduação, mas muito antes quando os mesmos optaram pelo curso. Dificuldades essas que refletidas por eles, poderão ser encontradas quando forem exercer futuramente suas funções como docentes na Educação Infantil.

São problemas de natureza social, cultural, política, preconceito entre outros. Muitos relataram a dificuldade não só no ingresso no mercado de trabalho como também a aceitação de familiares, por considerar o curso destinado às mulheres, porém em nenhum documento institucional destaca a que o curso seja específico para as mulheres. Educador ou educadora não deve ser categorizado pelo seu gênero, mas pela sua competência, habilidade e profissionalismo.

Quando questionado a um determinado entrevistado sobre o maior obstáculo para um homem trabalhar com educação infantil, o entrevistado A respondeu: “O preconceito, tanto por parte de algumas escolas que não aceitam contratarem homens, quanto por parte de alguns pais de alunos pelo mesmo motivo, este relato é baseado em experiência própria”. Podemos inferir que muitos professores tem tido esta experiência não satisfatória, muitos

pedagogos ao internalizarem esta visão acabam sentindo desmotivados, desencorajados a continuar exercendo esta profissão.

A concepção de Sousa (2011) com relação à desvalorização social da profissão:

[...] a pequena remuneração financeira e a dificuldade da aceitação da figura masculina no exercício da docência – que envolve também atividade de cuidados com crianças pequenas – são fatores que contribuem para acarretar conflitos nos papéis sociais. Na medida em que a docência nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação da infância ainda está fortemente ligada à figura feminina, à vida privada e “doméstica” (SOUSA, 2011, p. 21).

Neste sentido, a atuação masculina na profissão está cada vez mais frágil, uma vez que estes problemas inviabilizam o docente mostrar sua competência, o fato de ser homem não pode estar relacionado a estes questionamentos, mas, por ser algo cultural continua enraizado em muitos. Porém, não podemos naturalizar tal acontecimento, é preciso lutar contra este preconceito, as instituições precisam contribuir na conscientização dos pais quanto à presença dos pedagogos na sala de aula, suas habilidades nunca podem ser colocadas em segundo plano.

Um dos argumentos que explica o afastamento dos homens na educação infantil e séries iniciais no ensino fundamental está associado aos casos de pedofilia. A ideia do cuidar, como sinais de carinhos implicam contato corporal, e isso não são vistos com bons olhos para os pais e para gestão escolar, criando desconforto e alguns problemas na competência destes profissionais.

A atividade profissional relacionado ao cuidado continua sendo associado ao feminino, fazendo com que alguns professores evitem contatos corporais com as crianças, devido supostas alegações de assédio e abuso sexual. Este exposto é apresentado por um dos entrevistados:

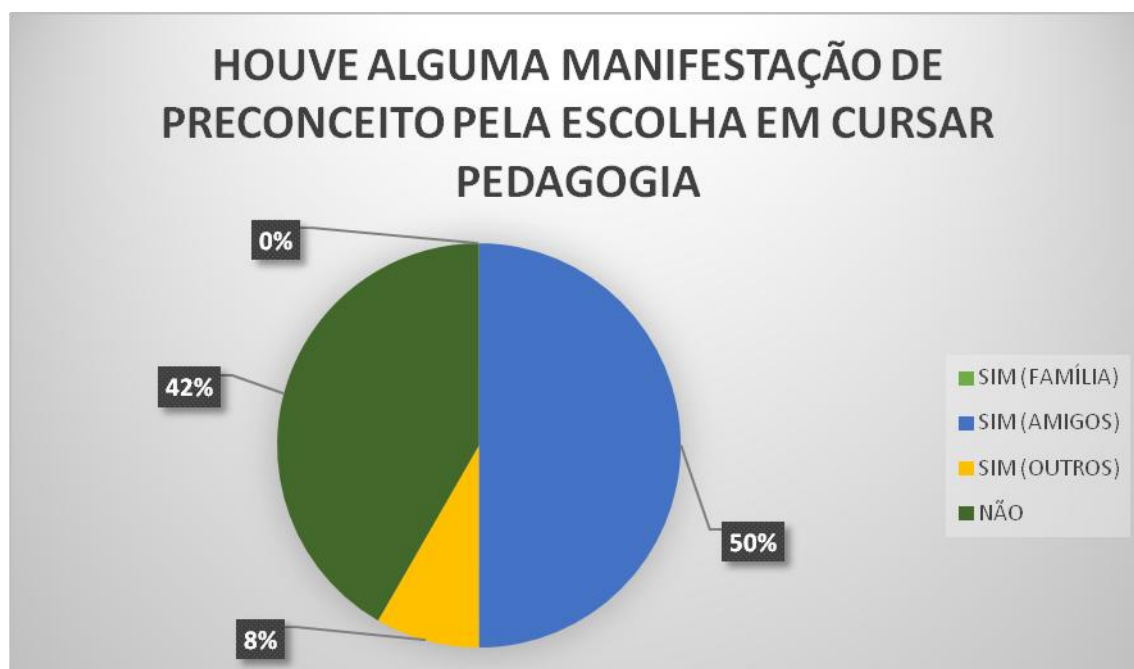
Desconfiança, pois a mídia mais do que nunca está revelando muitos casos de abuso sexual. Percebo que existe uma desconfiança generalizada em relação ao sexo masculino, logo, entendo a luta pela confiança o maior obstáculo (ENTREVISTADO B, 2018).

Desta forma, este contexto deriva em uma atmosfera de tensão, pois o cuidar dessas crianças estabelece relação física constante e atitudes afetuosas por parte dos profissionais, estas são características culturais e sociais femininas. Caso os pedagogos utilizem desses mesmos cuidados e gestos, não serão aceitos, pois é visto como algo não recomendável por parte destes profissionais às crianças no ambiente escolar.

Fatores como esses são frequentes na sociedade atual, muitos profissionais perdem a oportunidade de mostrar sua capacidade e habilidades nas instituições por se tratar de algo cultural, é um tanto frustrante verificar situações e posicionamentos de pais quanto ao pedagogo, a competência e profissionalismo não podem ser medidos pelo gênero do profissional. Segundo Barros (2016) quanto aos fatores citados:

Devido a esses fatores percebe-se a necessidade de uma discussão sobre os papéis de gênero, a presença masculina nas creches e Pré-Escolas, compreender as interações que professores homens estabelecem com os meninos e as meninas, com as famílias e com as demais professoras nos Centros Municipais de Educação Infantil- CMEI's (creches) e Escolas de Educação Infantil (BARROS, 2016, p. 5).

Dito isto, muitos professores da educação infantil sentem-se discriminados pelo fato de serem rotulados como incapazes e em muitos casos taxados de homossexuais, estas e outras situações marcam o cenário educacional na modalidade de ensino infantil, para isso, faz se necessário cada vez mais a discussão sobre o assunto e compreensão de que mais do que profissionais estes sujeitos são seres humanos e precisam ser tratados como tal. Nenhum documento legal proíbe ou condena a atuação do pedagogo nas instituições de ensino.



**Gráfico 4. Fonte:** Criada pelo pesquisador, 2018.

De forma surpreendente a pesquisa constatou que o maior preconceito está ligado aos amigos dos entrevistados, seguidos pelos familiares e outros. O estudo revelou que este contexto de preconceito é uma mancha na história da educação, em que para educar tem ser mulher, pois veio sendo disseminado pelo fato das mulheres serem consideradas o perfil adequado para o ensino, mas não levam em consideração que o homem passou anos de sua vida se dedicando e se preparando para ocupar o mesmo lugar defendido majoritariamente pelas mulheres.

Para Cardoso (2004):

O número de homens trabalhando na educação de crianças, apesar de inferior ao das mulheres, não pode ser considerado insignificante ou desprezível. Do contrário, representa algo muito importante a se conhecer: afinal quem são os homens que atuam como professores de nossas crianças, porque e como trabalham em uma profissão reconhecida socialmente como feminina? (CARDOSO, 2004, p. 143).

Os professores homens são seres históricos, sociais, precisam e todo respeito de valorização, tal profissional passou anos de sua vida dedicando a sua formação e necessita ser considerado como tal. Gênero não define qualidade, técnica e profissionalismo, mas é através da ação docente que cada

profissional e olhar pedagógico que cada um conquistará seu espaço, sem que tenha que passar por situações de constrangimento e desrespeito sofrido pelos pedagogos.

Segundo um dos entrevistados o professor da educação infantil enfrenta “dificuldades em mostrar novas ideias sobre ensino, pois existem barreiras e as mudanças as vezes incomodam. Principalmente em escolas com mais deficiências, ou seja, aquelas em que são localizadas em lugares violentos sem estrutura” (ENTREVISTADO C, 2018).

De acordo com este entrevistado este pensamento foi apresentado por que foi algo vivenciado pelo mesmo, podemos inferir que muitos profissionais da educação infantil, especificamente os pedagogos tem passado por vários obstáculos e isso tem influenciado a inserção de muitos estudantes no curso de Pedagogia, o que pode ser identificado nas salas do respectivo curso.

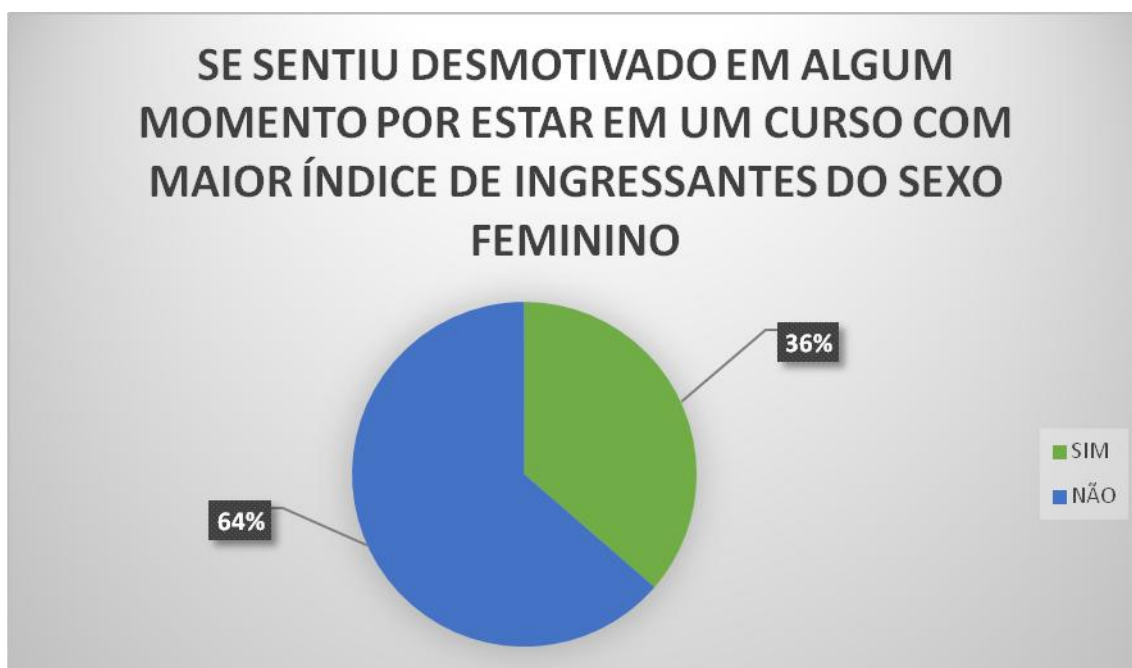
Segundo Silva e Martins (2016) com relação ao preconceito com o professor da educação infantil:

[...] não é algo que vem somente da família ou da sociedade. Muitas vezes são as escolas que não abrem espaços para homens em suas instituições. Em classificados de empregos é muito comum encontrar anúncios a procura de profissionais do sexo feminino em escolas de educação infantil [...] (SILVA; MARTINS, 2016, p. 18).

Este exposto explicita perfeitamente no comentário de um sujeito da pesquisa quando afirma que “o preconceito, tanto por parte de algumas escolas que não aceitam contratar homens, quanto por parte de alguns pais de alunos, pelo mesmo motivo. Este relato é baseado em experiência própria”. Neste sentido, percebemos o quão importante é a discussão deste trabalho, é preciso cada vez mais dar visibilidade e voz a esses profissionais que vivenciam esse tipo de desvalorização.

Tendo em vista essa realidade é preciso que os profissionais da educação sejam tratados como devem e que tanto o contexto educacional e social produza o reconhecimento preciso e necessário que os pedagogos merecem, não só como a importância de sua profissão, mas como luta e resistência por direitos igualitários.

Numa sociedade tão antidemocrática se faz presente uma análise sobre o caminho a ser percorrido desse profissional, que a sociedade, os amigos, as famílias, as escolas, a universidade ou faculdade vejam nesse sujeito social, político, cultural, o verdadeiro sentido da educação, pois educação é esperança, é esforço é liberdade e é conquista embasado nestes princípios que muitos ainda não desistiram.



**Gráfico 5. Fonte:** Criada pelo pesquisador, 2018.

A pesquisa constatou que muitos dos entrevistados acreditam na sua capacidade enquanto pedagogo, pois conforme já foi mencionado são diversos os problemas enfrentados pelos mesmos, mas continuam confiantes e firmes para redesenhar um novo amanhã e conquistar seu espaço por direito. Muitos relataram que vivenciam o preconceito diariamente, mas que não se deixa abalar, pois isso faz parte de sua construção de identidade.

A insegurança tida por alguns entrevistados não parte apenas da sociedade, é importante destacar que, os próprios profissionais da educação, como exemplo dos gestores e gestoras de escolas de educação infantil, disseminam o preconceito, o que inviabiliza a presença de professores homens em suas unidades, isso por causa de mitos criados com relação ao educador pedagogo.

Corroborando com este pensamento o Entrevistado B relatou que, “criam-se a ideia de que a professora substitui a mãe e ter um homem lecionando para as crianças não é aceito pela sociedade, infelizmente”. É nítido o quanto até as instituições são omissas e compactuam com uma ideologia retrograda. Em situações mais corriqueiras fica evidente o quanto essa visão de que as mulheres são majoritariamente responsáveis pela educação e na educação das crianças, um simples recado deixado pela direção de uma escola é sempre direcionado para a genitora.

Somando-se a isso Araujo e Hammes (2015):

[...] esse preconceito traz consigo as marcas culturais da maternagem. O preconceito ainda é grande em relação aos homens que se dedicam ao trabalho com crianças pequenas. Além de, enfrentarem o fato de que cuidar de crianças seja uma função específica da mulher, na maioria das vezes, ainda tem colocado sob suspeita a sua orientação sexual ou sofrem com represálias por parte de alguns pais, receosos de que seus filhos, em especial meninas, sofram algum tipo de abuso (ARAUJO; HAMMES, 2015, p. 4).

Muitos pais não acreditam na capacidade do professor em assumir seu papel enquanto profissional, talvez isso seja explicado ainda mais pelo fato das pessoas não considerarem que um homem seja apropriado de dar banho, dar comida, fazer dormir, entre outras pertinências estabelecidas quando se discute sobre os cuidados proporcionados a uma criança.

A dúvida sobre a sexualidade também é uma problemática que se faz presente neste cenário de julgamentos, insinuações, para o entrevistado D, o maior obstáculo para um homem trabalhar com educação infantil seria “os preconceitos e especulações da sociedade sobre pedofilia”, sendo este um dos maiores medos e inseguranças por parte de diversos pais. Porém é preciso que haja debate a respeito dessas incertezas, pois a educação e o ensino e aprendizagem não pode ficar à mercê de suposições quanto ao profissional.

Estas e outras suposições fere o caráter e a honra do pedagogo, colocando todos os profissionais masculinos da educação infantil em estado de atenção afinal sua reputação moral e profissionalismo estão sendo colocados em segundo plano por não confiarem na postura ética de um pedagogo que se dedicou para no momento de sua atuação ser manchado pelos preconceitos e



insensibilidades não só da sociedade dos pais e instituições, mas da sociedade como um todo.

De acordo com Oriani (2011):

A Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, representa os primeiros passos da criança para a convivência com o outro e, apesar dos cuidados necessários devido à pouca idade das crianças as escolhas do/a professor/a devem ser pautadas na reflexão de sua atuação e, não na passividade e nos cuidados (ORIANI, 2011, p. 8).

Desta forma, significa dizer que não importa se o profissional é homem ou mulher no para atuar na educação infantil, e se a mulher tem instinto materno, mas o que realmente precisa ser considerado é a atuação do pedagogo (a). Embora a sociedade acredite que o indivíduo mais preparado para atender e assumir uma sala de educação infantil seja a mulher.

O conceito social imposto ao pedagogo comumente nomeia a mulher como dominante dos espaços escolares infantis, o homem encontra barreiras na rejeição dos pais e de alguns profissionais da coordenação. Isso se dá também por medo do novo, dos altos índices e casos de pedofilia que aumenta ainda mais a esfera de rejeição (ENTREVISTADO E, 2018).

Conforme essa citação é possível inferir que os próprios pedagogos já carregam a reponsabilidade para si no que diz respeito a toda essa desvalorização com o pedagogo e com toda sua história enquanto sujeito político, social, cultural etc. A mesma forma acontece nos cartazes e anúncios de jornais, quando são procurados profissionais para as escolas, sempre colocados no feminino.

A partir do momento que o pedagogo assume essa posição de aceitabilidade contribui para que as injustiças continuem presentes e cada vez mais faça essa profissão ser ignorada pelo homem devido este cenário. O pedagogo precisa compreender que seus direitos não podem ser negligenciados e que a sua posição enquanto profissional da educação infantil é tem o valor e as mesmas atribuições que exercida pelas mulheres, não é admissível que em pleno século XXI possamos conviver com o preconceito e a discriminação, isso é inadmissível e desumano.

PERFIL SÓCIO DEMOGRÁFICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA						
Idade	Ident. de gênero	Est. Civil	Religião	Dificuldades do pedagogo de lecionar na EI	Sentiu-se desmotivado	Preconceito pela escolha em cursar pedagogia
19	Outro	Solteiro	Espirita	Preconceito e baixo salario	Sim	Não
21	Cisgênero	Solteiro	Católica	Preconceito e dificuldades de lidar com crianças	Sim	Sim (amigos)
56	-	Casado	Católica	Preconceito	Não	Sim (amigos)
41	Cisgênero	Solteiro	Não religioso	Preconceito e outros	Sim	Sim (amigos e outros)
22	Cisgênero	Solteiro	Ocultismo	Preconceito e baixo salário	Não	Não
51	Cisgênero	Solteiro	Católica	Dificuldade de lidar com crianças	Não	Não
26	Masculino	Solteiro	Evangelista (Batista Nacional)	Preconceito	Não	Não
26	Cisgênero	Casado	Não religioso	Preconceito	Não	Sim (amigos, família e outros)
33	Cisgênero	Solteiro	Evangelista (Batista)	Preconceito	Sim	Sim (amigos)

22	Cisgênero	Solteiro	Budista	Preconceito	Não	Não
20	Cisgênero	Solteiro	Católica	Preconceito	Não	Não
29	Cisgênero	Solteiro	Não religioso	Preconceito	Não	Não
31	Transgênero	Solteiro	Ateu	Preconceito	Não	Sim (família)
38	Cisgênero	Solteiro	Não religioso	Dificuldades de lidar com crianças	Sim	Sim (amigos)

**Fonte:** Dados pesquisa, 2018.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando relatado sobre o espaço na Educação Infantil como local de trabalho ficou evidente que este ambiente é pensado pela sociedade como um setor destinado as mulheres. Apesar de muitos discursos ao longo de décadas sobre o termo gênero em nossa sociedade como um todo ter sido abordado em tempos de outrora, até hoje há certos desafios a serem superados, seja na compressão do termo ou até mesmo na quebra de paradigmas.

A pesquisa proporcionou trazer em discussão a temática e criar a percepção e reflexão de que ainda o preconceito se faz presente. A sociedade ainda busca separar cargos profissionais ao gênero, quando na verdade o que deve ser levado em consideração é o profissionalismo. Buscando dessa maneira analisar o empenho e dedicação de cada um (a) deles (as).

As mulheres de certa forma tentam quebrar esse preconceito de cargos profissionais que ainda tem o homem como dominante, o que não condiz no âmbito da Educação Infantil, aonde o preconceito se inverte e afeta dessa maneira o sexo masculino.

Diante do que foi exposto, foi possível observar que a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil é legalmente legitimada, tendo como o ingresso a essa profissão, a criação de concursos públicos que os deem a oportunidade de exercer o magistério, tais como as mulheres, não havendo dessa forma qualquer tipo de distinção ocasionada por gênero na educação infantil. Fazendo com que os mesmos dessa forma possam lutar

contra os preconceitos socioculturais existentes nessa profissão, buscando não trazer conflitos, mas, sim soluções junto a todos os indivíduos que fazem parte desse processo.

De acordo com a pesquisa realizada, foi constatado que apesar de grande parte dos alunos do curso de pedagogia da UFPB enfrentarem preconceitos por questões relacionadas a gênero, grande parte deles pretende seguir carreira na docência, enfrentando barreiras e quebrando preconceitos ainda existentes na comunidade escolar.

Tive como finalidade nessa pesquisa saber se realmente havia algum tipo de preconceito relacionado ao gênero masculino na graduação do curso de pedagogia já que, o número de ingressantes do sexo masculino é bem inferior ao feminino.

Com essa curiosidade, obtive com sucesso saber que realmente é existente o preconceito quando os discentes optam por cursar a graduação de pedagogia. Infelizmente ocorreram alguns pontos negativos aonde não consegui obter êxito, o primeiro foi em relação a expectativa do preconceito por parte da família no qual eu imaginava ser o principal fator, mas fui surpreendido em saber que os amigos dos discentes foram os que mais apresentaram ter preconceitos pela escolha dos mesmos em cursar a graduação de pedagogia.

O segundo acredito ser o mais frustrante que foi a resistência de muitos graduandos do curso que se negaram a participar de minha pesquisa, dificultando dessa maneira uma maior porcentagem para enriquecimento do trabalho.

Aos demais que futuramente poderão vir a ter como base esse trabalho de pesquisa de campo, que possam construir novos dados e fazer comparações com a presente pesquisa apresentada para adquirirem novas análises.

Em suma, é importante enfatizar que os futuros profissionais de educação e também os que já atuam na área, devem ser visto em seus ambientes de trabalho por suas capacidades em lidar com a Educação das crianças e não por seu gênero ou orientação sexual.

Por conseguinte, faz-se necessário uma visão mais ampla, tendo como ponto de partida a própria graduação do curso até a chegada à docência, pois na sociedade atual é preocupante que exista tal preconceito enraizado nos

seres humanos, merecendo uma autorreflexão sobre as ações de cada indivíduo perante a sociedade, e o mais importante, perante aqueles que são atingidos por tal discriminação, há uma necessidade na sociedade que é formar cidadãos críticos e reflexivos e não o oposto.

## REFERÊNCIAS

- ALTHOFF, K. C.; et al. **Homens pedagogos? A vivência dos professores que atuam com crianças na região de Braço do Norte-SC**. 2016. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- ALVARENGA, C. F. **Relações de gênero e trabalho docente: jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores**. 2008. 176f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2008.
- ARAUJO, M. P.; HAMMES, C. C. **A androfobia na educação infantil**. Interfaces da Educacao, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2015.
- BARROS, L. G. **Discussões sobre a desigualdade de gênero nas pré – escolas e centros municipais de Educação Infantil do município de Cascavel; preconceitos, anseios e verdades vividas pelos professores do gênero masculino**. 2016. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal do Paraná, Itambé, 2016.
- BELO, R. P.; CAMINO, L. **Trabalho e gênero: elaborações discursivas sobre os papéis profissionais**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 15, n. 2, p. 271-286, 2012.
- BRZEZINSKI, I. **Trabalho docente, tecnologias e educação**. In: Trabalho & Educação. Belo Horizonte: UFMG, vol.17, n. 1, jan. abr. 2008.
- CARDOSO, F. A. **O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito**. CentroUniversitarioUNA.2004-201: Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>. Acesso em 23 Set. 2018.
- GRAUPE, M.; BRAGAGNOLLO, R. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar. Florianópolis**: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em revista (Belo Horizonte). N. 46 (dez. 2007), p. 201-218, 2007.
- NASCIMENTO, E. C. M. Processo histórico da educação infantil no Brasil: educação ou assistência. In: **Congresso Nacional de Educação**. 2015.
- NASCIMENTO, C. T; BRANCHER, V. R; DE OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008.

OLIVEIRA, D. J.; SILVA, T. F. A; SOUZA, C. D. F. Corporeidade e motricidade como tema no processo de formação em pedagogia. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 8, n. 22, p. 336-362, 2017.

RODRIGUES, D. P. **Paradigmas do homem na pedagogia: a atuação do pedagogo como fonte de transformação da educação**. 2017. Disponível em: <[https://www.usc.br/custom/2008/uploads/anais/jornada\\_pedagogia\\_2017/trabalhos/Diego\\_Pires\\_Rodrigues\\_1.pdf](https://www.usc.br/custom/2008/uploads/anais/jornada_pedagogia_2017/trabalhos/Diego_Pires_Rodrigues_1.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2018.

ORIANI, V. P. **Direitos humanos e gênero na Educação Infantil: concepções e práticas pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista. 157f. Marília, 2010. Disponível em: Acesso em: 22. Set. 2018.

SANTOS, R. M. B. **Vivência docente na escola pública: trajetória de uma identidade profissional**. 2006. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

SILVIA, A. B. B. **Bullying: Mentres perigosas na escola/** Ana Beatriz Barbosa Silva - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, J. R.; MARTINS, V. L. **O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito**. Ed. 11, Intraciência, REVISTA CIENTÍFICA, GAGU Faculdade Guarujá, 2016.

SILVA, A. C. G. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil**. 2014. 34f. Monografia (Pedagogia) - Faculdade de Formação de Professores da UERJ. São Gonçalo, 11-23p, 2014. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

SOUSA, F. S. **Gênero e trabalho pedagógico: o prisma do pedagogo homem nos anos de início da escolarização**. 2011. 84f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SPADA, A. C. M. Processo de criação das primeiras creches brasileiras e seu impacto sobre a educação infantil de zero a três anos. **Revista científica eletrônica de pedagogia**, v. 5, p. 1-7, 2005.

VALENTE, J. A. **A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e da Comunicação: repensando conceitos**. Em: JOLY, M. C. Tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 96-97, 1998.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

## APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

### PESQUISA DE MONOGRAFIA: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O DISCURSO DE ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UFPB ACERCA DE PROFESSORES DO GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

#### QUESTIONÁRIO COM GRADUANDOS DE PEDAGOGIA DA UFPB

NOME (opcional): \_\_\_\_\_  
PERÍODO: \_\_\_\_\_

As alternativas que apresentarem um traço contínuo ao lado indicam que você deve complementar a informação.

Ex: ( ) Não ( X ) Sim \_\_\_\_\_.

Não é importante saber o seu nome, mas gostaríamos que você respondesse com sinceridade TODAS as perguntas seguintes:

1 – a) Idade: \_\_\_\_\_ anos. Cisgênero / Transgênero: \_\_\_\_\_.

b) Está cursando o \_\_\_\_\_ período do Curso de: \_\_\_\_\_.

c) Você se auto define como:

( ) branco(a) ( ) negro(a) ( ) indígena ( ) pardo(a) ( ) outro(a) \_\_\_\_\_.

2 – Local de nascimento: \_\_\_\_\_

3 – Você reside no município de \_\_\_\_\_

4 – Você é:



( ) Solteiro(a)      ( ) Casado(a)

( ) Outro (viúvo, separado, união estável) : \_\_\_\_\_.

5 – Caso trabalhe, seu salário é igual a:

( ) Menos de 1 salário mínimo      ( ) Mais de 3 salários mínimos

( ) 1 salário mínimo      ( ) Não recebe salário

( ) 1 a 3 salários mínimos      ( ) Não trabalho

6 – Qual a renda total da sua família?

( ) 1 salário mínimo

( ) 1 a 3 salários mínimos

( ) Mais de 3 salários mínimos

( ) Sem renda fixa

7 – Você se considera:

( ) Católica(o)

( ) Evangélica(o). Qual? \_\_\_\_\_

( ) Do Candomblé

( ) Umbandista

( ) Espírita

( ) De outra religião. Qual? \_\_\_\_\_

( ) Não religioso

( ) Ateu

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

8- Para você, qual é o maior obstáculo para um homem trabalhar com educação infantil? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

9- TEM INTERESSE EM LECIONAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

( ) SIM

( ) NÃO

10- ÁREA PEDAGÓGICA QUE PRETENDE TRABALHAR

( ) SALA DE AULA

( ) GESTÃO

11-EM SUA OPINIÃO QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE UM DOCENTE DO SEXO MASCULINO ENCONTRA PARA LECIONAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

( ) PRECONCEITO

( ) DIFICULDADES EM LIDAR COM CRIANÇAS

( ) BAIXO SALÁRIO

( ) OUTROS ...

-QUAIS? \_\_\_\_\_

12- HOUVE ALGUMA MANIFESTAÇÃO DE PRECONCEITO POR SUA ESCOLHA EM CURSAR PEDAGOGIA?

( ) SIM

( ) NÃO

- se SIM, assinale as alternativas correspondentes

( ) FAMÍLIA

( ) AMIGOS

( ) OUTROS...

-QUAIS?

\_\_\_\_\_

13- EM ALGUM MOMENTO VOCÊ SE SENTIU DESMOTIVADO POR ESTAR EM UM CURSO COM MAIOR ÍNDICE DE INGRESSANTES DO SEXO FEMININO?

( ) SIM

( ) NÃO

**Obrigado!**

## APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) \_\_\_\_\_

Esta pesquisa é sobre práticas discursivas de estudantes universitários e está sendo desenvolvida pelo licenciando José Henrique da Silva de Lima do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do prof. José Vaz Magalhães Néto. O objetivo do estudo é analisar o discurso dos graduandos cisgênero e transgênero de Pedagogia sobre possíveis tipos de dificuldades e preconceitos enfrentados pela escolha do curso e durante o período letivo da graduação. A finalidade deste trabalho é contribuir para os estudos críticos do discurso e fomentar pesquisas posteriores sobre a temática retrocitada. Solicitamos a sua colaboração para participar da pesquisa, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicações científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

**Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do Participante da Pesquisa**

**João Pessoa, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o endereço eletrônico: henriquejampasilva@gmail.com  
Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável  
João Pessoa, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_